



Membros do júri e todos os premiados no encerramento do Festival de Cannes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m meio à comemoração da dupla vitória brasileira em Cannes com as laúreas de Melhor Direção (Kleber Mendonça Filho) e Melhor Ator (Wagner Moura) para “O Agente Secreto”, o mais prestigioso festival do cinema mundial conferiu a Palma de Ouro de 2025 ao iraniano Jafar Panahi e seu “Un Simple Accident”. A menção de seu nome pelos lábios da atriz Juliette Binoche, a presidente do júri deste ano, simbolizou mais do que a excelência estética de uma história de revanchismo. O simbolismo central do resultado foi a liberdade. Panahi foi alvo de toda a sorte de violências que o regime político de seu país foi capaz de perpetrar contra um artista: foi censurado e preso, tendo feito greve de fome como reação. Seu belíssimo thriller narra um plano de vingança de um grupo de pessoas que foram torturadas a partir da ação de um agente de estado. Eles o capturam e submetem-no a um inquérito cercado de agressões. Até uma noiva em núpcias junta-se a esse ato.

“Esse filme nasceu de histórias que eu ouvi de presos como eu. Quando um estado prende um artista, ele não percebe que só faz alimentar sua imaginação”, disse Panahi sobre a obra que pode valer a ele nova reprimendas do Irã. “Eu sempre começo meus filmes com dinheiro do meu bolso, até ter algo pronto para poder mostrar e levantar o projeto. Meus amigos sempre pensam que uma hora eu vou desistir, mas só o que eu sei fazer na vida é filmar”. Em 2010, Juliette Binoche estava em Cannes quando soube que Panahi se recusava a comer a fim de fazer com que seus governantes parassem de censurar artesãos autorais. Ela chorou com a notícia, em público. Premiar “Um Simple Accident”

# A Palma de Ouro é do Irã, mas a vitória é do Brasil

‘O Agente Secreto’ de Kleber Mendonça Filho, sai de Cannes com três prêmios: melhor direção, melhor ator e Prêmio da Crítica

foi sua forma de reagir.

Se de um lado a indignação reinou na entrega da Palma a Panahi e sua batalha pela democracia, do outro, o Brasil se afirmou no Palas des Festivals de Cannes pelas vias da invenção com o trabalho de Kleber Mendonça Filho, na parceria com Wagner Moura. Ambientado em 1977, em plena ditadura militar, “O Agente Secreto” traz o ator no papel de um cientista, responsável por um laboratório numa universidade pública de Pernambuco, que pesquisa energia. Ao desagradar um representante da in-



**Nadia Melliti: melhor atriz por ‘La Petite Dernière’**



**Ressurrection: Prêmio Especial do Júri**

dústria, passa a ser perseguido, sob a ameaça de morte. “Acredito que é dever do Estado prover educação, assim como saúde, mas sempre que o papo de privatização entra em debate, nunca se pensa no bem do próximo, do povo, e o cinema de que eu mais gosto de fazer é aquele que discute a classe trabalhadora, numa perspectiva anticapitalista”, disse Wagner ao Correio.

Presença constante em Hollywood, Binoche se surpreendeu com esse recorte do passado brasileiro. Ela coordenou um time plural de artistas. Dele fizeram parte a estrela estaduni-

dense Halle Berry, a atriz italiana Alba Rohrwacher, a realizadora indiana Payal Kapadia, a roteirista franco-marroquina Leïla Slimani, o documentarista e produtor congolês Dieudo Hamadi, o multiartista sul-coreano Hong Sangsoo, o cineasta e produtor mexicano Carlos Reygadas e ator Jeremy Strong, dos EUA.

Um outro júri de peso coroou o realizador de Pernambuco antes de Binoche e etc.: o time de jornalistas da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci). Deram a ele – que foi repórter nos anos 1990 e 2000